

1.º A T.º

CENÁRIO:

Sala de estar, cômoda e agradável, de esôrdio com a planta do casário, feita e par-  
te. Ao fundo, sobre a direita, um arco que liga com uma pequena sala de jantar -  
onde há um crucifixo ao fundo, na parede, uma mesa com seis cadeiras. No arco há  
uma pesada cortina que está fechada, escondendo totalmente o recanto que serve pa-  
ra as refeições da família. A entrada da rua é também pelo fundo, numa porta que  
há sobre a esquerda, dando diretamente da sala de estar para o jardim. Torno este  
lado, mesinha com telefone, pequena estante com livros e alguns adornos. Ambiente  
com simplicidade e gosto.

PERSONAGENS:

DONA ALMERINDA	45 anos. ( A mãe de família )	D. Elsa
Dr. EMANUEL	48 Anos. ( O pai extraviado )	Idemuar Machado
SEBASTIANA	67 Anos. ( Velha ocinheira, preta )	D. Helena
RUDY	23 anos. ( O filho mais velho )	Ary
ROSE	21 anos. ( A filha do meio )	Helô
RONY	19 anos. ( O filho mais moço )	Nelson
LADRITA	19 anos. ( A noiva de Rudy )	Olga
ISMAEL	26 anos. ( O noivo de Rose )	João ou Justino
MARLENE	17 anos. ( A namorada de Rony )	Glória

AÇÃO:

Véspera de Natal, Dez Horas da noite. A luz de um abat-jour acesa. Cena Vazia. O  
telefone toca tres ou quatro vezes. Entram para atendê-lo, depois da última cha-  
mada, Rose e Rony. Ele em mangas de camisa e de gravata na mão. Ela esarrando o  
chambre e de lenço na cabeça. Chegam juntos ao telefone, entrando cada um de um  
lado. Seguram-se ao aparelho e nenhum quer ceder a vez ao outro.

RONY

Pode deixar que é amigo.

ROSE

Como é que você pode saber? | Eu Também estou ~~esperando~~ esperando telefonema do Ismael.

RONY

Nas não é o Ismael, é a Marlene.

ROSE

Ah, você agora enxerga através do fio, é? Meus parabéns. Está progredindo.

RONY

Não amole. Solte esse telefone porque você não vai falar.

ROSE

Pois Sim que não vou! Era só o que me faltava.

RONY

Não vai falar porque não é para você, estou dizendo. Eu sei que é a Marlene. Ela  
me disse que ia falar às ~~dez~~ horas e a Marlene é na batata. Prometeu. Cumriu.

ROSE

O Ismael também disse que ia falar às dez, portanto também pode ser ele.

RONY

Deixe de bobagem que o Ismael nunca foi pontual. Si ele disse às dez, só vai fa-  
lar às onze olhe lá. Já se esqueceu que no sábado ele ficou de falar antes do  
almoço e só foi falar às tres horas da tarde? ( PUXANDO ) Me dê esse telefone an-  
tes que a Marlene desligue.

ROSE

( FORTE? ALTEJANDO A VOZ ) Não dou, já disse que quem vai atender sou eu.

RONY

( IDEM ) Você não vai atender coisa nenhuma porque eu não deixo.

ROSE

Solte esse telefone, Rony

RONY

Não solto, eu já disse que você não vai falar porque eu não deixo.

ROSE

( FORTE? ZANGADA ) Rony, solta esse telefone, Rony. ( XENIA TIRAR, NÃO CONSEGUE X  
GHITA ) Não, Olha o Rony, não. Não quer me deixar atender o telefone. ( PARA ELE,  
FORTE ) Rony, por favor, Rony. Eu Estou Atrozada !

- RONY E eu com isso? Você está atrozada mais porque quer. Eu já disse que quem vai atender sou eu.
- ROSE GRITANDO SEM CEDER ) Mãe, olha o Rony, Mãe. Vem dar um jeito nele, por favor
- RONY NÃO adianta você gritar, nem adianta a mãe vir, porque eu não vou deixar você falar.
- ALMERINDA ( BONDOSÍSSIMA, ENTRANDO ) Mas que gritaria é essa, pelo amor de Deus, meus filhos. Vocês parecem duas crianças ! Que é que está acontecendo aqui ?
- ROSE Ele não quer me deixar atender o telefone, porque cismou que é para ele. E eu peguei o telefone primeiro, também estou esperando telefonema do Ismael, não vou deixar que ele atenda.
- RONY Ela não pegou primeiro, nada, mãe. Quem pegou primeiro fui eu.
- ALMERINDA Vocês parecem duas crianças de oito e nove anos. Parece até mentira que isto aconteceu, Dê-me o telefone que eu atenda. ( TIRA O TELEFONE DOS DOIS )
- ROSE ( BOTA A LINGUA PARA O IRMÃO ) ah ! Bestalhão.
- RONY ( FICANDO DE MÃO ESTENDIDA PARA O FONE ) Você vai ver como é para mim.
- ROSE ( BATE COM A MÃO NO PEITO COMO DIZENDO QUE É PARA ELA E ESTENDE A OUTRA, PARA RECEBER O TELEFONE, FICANDO UM DE CADA LADO NA MESMA POSIÇÃO )
- ALMERINDA Alô, quem fala? ( PAUSA ) Sim, sou eu; ( PAUSA ) Ah, como vai você? ( PAUSA ) Bem felizmente. ( PAUSA ) É que deu uma complicação aqui. Desculpe, sim? ( PAUSA ) pois não, um momentinho.
- RONY é a Marlens?
- ROSE ( Em cima ) Não é o Ismael?
- ALMERINDA Nem um, nem outro. É a Laurita. Vá chamar seu irmão.
- ROSE ( SAINDO, MEIO QUEIMADA ) Ora, boles! Eu atrozadíssima e perder todo este tempo aqui para nada.
- RONY ( SAINDO POR OUTRO LADO, QUEIMADO, TAMBÉM ) Bem feito. Quem mandou meter o bedelho onde não foi chamada?
- ROSE ( ANTES DE SAIR ) Vá tomar banho. ( SAI )
- RONY ( IDEM ) Já tomei. Vá você tomar o seu que ainda não tomou. ( SAI )
- ALMERINDA Eu nunca vi ! São duas perfeitas crianças. Não parecem uma moça de vinte e um e um rapaz de dezesseis. ( BOTA O FONE NO OUVIDO ) Você tenha a paciência de esperar mais um pouquinho, Laurita, que a Rose já foi chamar o seu noivo. Ele deve estar terminando a barba. ( PAUSA ) Não sei, ele não me falou nada, mas em todo caso eu estou mais ou menos preparada para se quiserem reunir-se aqui. ( PAUSA ) Bem... eu gostaria muito, mas não quero dizer nada. Deixo que cada um resolva o que achar melhor. ( PAUSA ) Não, não, uma pessoa como eu é sempre uma nota dissonante na harmonia e beleza de um acorde. ( PAUSA ) Bem, aí já é diferente.
- ( ENTRA RUDY, JÁ PENTEADO E DE GRAVATA, MAS AINDA EM MANGAS DE CAMISA E ABOTOANDO O COLETE ).
- Olha o seu noivo está aqui. Vai falar com você. ( PAUSA ) Muito obrigada, para você também. ( PASSA O FONE PARA RUDY )
- RUDY Pronto, querida. Estou um pouco atrozado, não é ? ( PAUSA ) Ah é? Qual é a surpresa? ( PAUSA ) Oba! . . . Um progresso, querida ! ( PAUSA ) Não, acho que em cinco minutos mais ou menos eu estou pronto. ( PAUSA ) Não, não desiste. Eu aposto um taxi no posto e em quinze minutos estou aí. ( PAUSA ) Tá tá tá, tá tá tá. Tá tá tá, queri da . Um beijinho. ( USADO NA TELEFONE ) Tá tá tá? ( PAUSA ) ( TIRA A BÓIA MAIS ALTO

E agora? ( PAUSA ) Agora quero eu ouvir o seu que não ouvi, ( PAUSA ) Ainda não ouvi, ( PAUSA ) O que? Tirar a cera dos ouvidos? ( RI ) Não precisa, não. É que eu estava quaxendo mais, por isso fingi não estar ouvindo. ( PAUSA ) Está bem, meu amor, em cinco minutos estarei aí. ( COLOCA O FONE NO GANCHO ) ( VAI SAINDO E A MÃE CHAMA )

ALMERINDA Meu filho, desculpe. Eu sei que você está com pressa, mas ... Você vai a algum lugar especial esta noite?

RUDY Sim, vamos, Era, justamente, o que a Laurita estava me avisando. Tivemos convite para uma big coia no jardim do palacete de Doutor Vanesco. A filha dele é amiga de Laurita e telefonou pedindo a nossa presença. Para mim vai ser uma grande oportunidade, porque toda a alta sociedade vai dizer " presente " e essa festa. A senhora já pensou o seu filho lá, no meio daquela gente toda? e saindo na coluna social do Luiz Carlos, ou do Galpardo? ( DÁ UNS TAPINHOS CARINHOSOS NAS FACES DA VELHOTA E SAI, FELIZ, QUASI COMENDO? RINDO SOZINHO ) ( ALMERINDA PICA UM INSTANTE PARADA. TRISTONHA? OLHANDO NA DIREÇÃO EM QUE O FILHO SAIU, DEPOIS FAZ UM GESTO RESIGNADA E SE DIRIGE PARA A CORTINA QUE ABRE?, DE PAR EM PAR, DEIXANDO VER UMA MESA DE NATAL, FINAMENTE PREPARADA COM TOALHA DE RENDA, COPOS DE CRISTAL, CANDELABROS COM VELAS VERMELHAS E UM BONITO ARRANJO DE NATAL NO CENTRO. HÁ SEITE LUGARES NA MESA, DOIS PARA A PLATEIA, DE COSTAS, DOIS DE CADA LADO E UM DE FRENTE. ELA RETIRA, NUMA BANDEIJA, TODOS OS PERTENCES DOS DOIS LUGARES QUE FICAM DE COSTAS PARA A PLATEIA E SAI, DEIXANDO OS NOS BASTIDORES E VOLTANDO EM SEGUIDA COM A BANDEIJA VASIA RECOLOCANDO-A ONDE ESTAVA ANTES, FECHA NOVAMENTE A CORTINA E QUANDO VAI SAIR O TELEFONE TOÇA. NO MOMENTO EM QUE APANHIA O FONE PARA ATENDER, SURTEM EM DOUTA CORRIDA ROSE E RONY, CADA QUAL QUERENDO CHEGAR PRIMEIRO AO TELEFONE. RONY JÁ VEM PRONTTO, EMBIAS COM O PENTE NA MÃO, COMO QUEM ESTAVA YERMINANDO DE SE PENSAR, ROSE AJUDA DE CHAMBRE, MAS SEM O LENÇO JÁ PENTEADA, DE SAPATO E MEIAS. DÃO UMA PARADA, AO MESMO TEMPO, VENDO QUE A MÃE JÁ ATENDEU, MAS EM SEGUIDA AVANÇAM, TAMBEM AO MESMO TEMPO, COLOCANDO-SE CADA UM DE UM LADO COM A MÃO PRONTA PARA APANHAR O FONE.

ALMERINDA Aiô : ... ( PAUSA ) Aiô : ... ( PAUSA ) Aiô, QUEM Fala? ( Pausa ) É a dona Almerinda, sim ( PAUSA ) ah, é você? Está sim. Está aqui.

( OS DOIS AVANÇAM PARA TOMAR O FONE MAS ELA RETIRA, AO TEMPO QUE GRITA.

ALMERINDA (GRITANDO) Rudy : ( PAUSA ) Rudy, meu filho : A Laurita quer falar com você outra vez.

( ROSE E RONY FAZEM O MESMO GESTO DE IMPACIENCIA E VOLTAM PARA DENTRO, )

ALMERINDA ( VOLTANDO A FONE ) ele já vem, minha filha, tenha a paciência de esperar um pouquinho, sim? ( PAUSA ) Ele já deve vir vindo, mas se você quer deixar recado ... ( PAUSA ) Que ele espere onde? ( ENTRE RUDY ) Olhe, ele já está aqui. É melhor você falar com ele mesmo. ( DANDO O FONE A RUDY ) É a sua Noiva.

RUDY Que há, querida? (PAUSA) Estou prontinho, já ia sair. (PAUSA) No posto de gasolina? Está bem, eu espero lá. Vocês vão sair agora mesmo? (PAUSA). Okay, já vou pra lá. Até já meu amor. ( BEIJOS, DESLIGA TELEFONE ) O irmão dela apareceu em casa e vai dar carona. Eu vou esperar na esquina por causa da mãe ( DÁ UMA PALMADINHA NA FACE DA MÃE E VAI SAIR )

ALMERINDA Meu filho . . . ( ELE PARA E SE V LTA ) e . . . a mãe dela vai com você ?  
RUDY ( SEM SE ATRAZER DO SENTIDO DA PERGUNTA ) Não sei, mas acho que não. A velha não e unte dessas coisas, não.

- ALMERINDA E ela . . . Ela não ficará triste de passar o Natal longe da filha, caso não possa ir?
- RUDY Triste? Por que? Porque a filha vai a uma festa bonita? Acho que só pode ficar contente; a senhora não acha?
- ALMERINDA ( ENGOLINDO EM SECO ) Sim, sim . . . é claro . . . eu . . . eu não tinha me lembrado disto. Mas vá, meu filho, vá, senão você vai fazer a sua noiva esperar. .
- RUDY (TAPINHA) Tchau, não. Amanhã vou te contar tudo como foi. ( SAI )
- ALMERINDA SEGUIE O FILHO ATÉ À PORTA DE SAÍDA. UM RAYO DE LUZ, VINDO DA FORA, BANHA O SEU ROSTO TRISTE. PERMANECE ASSIM ALGUM TEMPO, OLHANDO NA DIREÇÃO ONDE O FILHO SAIU, DE REPENTE SENTE FRIO E CREZA AS DUAS MÃOS SOBRE O PEITO, COMO QUE PROCURANDO RESGUARDAR-SE, ENTRA E FECHA A PORTA. AVANÇA PARA O MEIO DA CENA, O TELEFONE TOCA QUANDO ELA ESTÁ, BEM PERTO DELE. LEVANTA O FONE LENTAMENTE XXXXXXXXXXXX PARA DAR TEMPO AOS FILHOS DE CHEGAREM; ELES REPETEM A MESMA CENA ANTERIOR, COLOCANDO-SE CADA UM DE UM LADO, O RAPAZ VEM DE FLORINDIA NO PEITO E A MOÇA JÁ DE VESTIDO, MAS DESABOTADO, FICAM ESPERANDO.
- ALMERINDA Alô, quem é? (PAUSA) Não senhora, aqui não tem ninguém com esse nome. (PAUSA) Está desculpada. ( DESLIGA O TELEFONE, OS DOIS RECOLHEM AS MÃOS DESAPONTADOS ).
- RONY Puxa vida! Dez e mais e a Marlene não telefonou! Agora, quando ela telefonar, quem não vai atender sou eu. A senhora pode dizer que eu esperei muito tempo, ela não telefonou eu fui embora. ( RETIRA-SE PARA DENTRO ) ( ALMERINDA SURTI, COMPLACENTE E DUVIDOSA )
- ROSE Mãe, quer fechar o meu vestido, por favor? ( VIRA-SE DE CONTAS, DONA ALMERINDA COMEÇA A FECHAR-LHE O VESTIDO )
- ALMERINDA Onde é que você vai de vestido de gala, minha filha?
- ROSE A uma coisa em black-tie na casa de um grande industrial que é amigo do Israel. Não se que vai ser um negócio podre de chic. Vou levar o maíê porque de madrugada vamos todos cair na piscina.
- ALMERINDA E quem é que vai acompanhar vocês? A mãe ou a irmã do seu noivo?
- ROSE Quem é que vai nos acompanhar? Ora, mamãe. Francamente! . . . Isso já nem se usa maíê, MESMO que a irmã dele vá - que eu não sei - lá de levar o par dela e dois pares ou não só vem dar na mesma.
- ALMERINDA Mas eu não acho bonito, nem direito, que você vá para uma festa, desinha com seu noivo, na casa de um ~~homem~~ que nós não conhecemos. E mais, ainda, que leve maíê para tomar banho de piscina.
- ROSE Mamãe, a senhora está muito atarraxada. Todas as moças, hoje, fazem isto com a maior naturalidade.
- ALMERINDA Mas eu não posso concordar, minha filha, o que é que vou fazer? acho ruim, muito ruim mesmo. E perigoso, até.
- ROSE ( DÁ UMA RISADA GOSTOSA ) Perigoso por que? Qual o perigo que há?
- ALMERINDA O perigo é que começa a beber os tais drinks, passam da medida, vão se tornando corajosos, perdendo o controle de si mesmos depois de acontecer tudo isto pode-se lá saber que mais poderá suceder?
- ROSE QUAL o que mamãe, a senhora está exagerando as coisas! Para princípio de conversa, eu não bebo mais que um aperitivo, um cálice de vinho e uma taça de champagne. Isso não rouba o controle de ninguém.
- ALMERINDA E o seu noivo? Beberá tão pouco quanto você?
- ROSE Evidentemente que não, mas também a sua resistência é infinitamente superior à minha. Quando eu notar que ele está se excedendo, prometo a senhora que o farei parar



A Marlene vem me buscar no Salão da Mãe que ganhou do valho. Não vai te assustar, velha, que eu só vou aparecer aqui depois que o sol raiar. (GALINHA PARA DENTRO, CAIBABOLANDO E FAZENDO PASSO DE SAIHA BALANÇO) Ninguém sabe o duro que dei, p'ra ter fonfon trabalhei, trabalhei. P'ra ter fonfon, trabalhei, trabalhei. P'ra ter fonfon, trabalhei, trabalhei. (SAI)

ALMERINDA

Francamente! Ou a humanidade deve estar completamente louca, ou então eu é que devo estar com um século de atraso no meu modo de pensar. Não posso entender agora é que um pai dá um automóvel de presente a uma menina de dezessete anos e pagante que essa menina saia com o namorado, um frangote de pouco mais, que não tem juízo, posição, fortuna, coisa nenhuma definida. Que é que ele pode esperar disso?

ROSE

Nada. Simplesmente ele é um homem ventilado e sabe que a filha está apenas se divertindo, mas não sem conseqüências.

ALMERINDA

Mas que também pode ter conseqüências e até muito desastrosas, porque uma menina de dezessete ou dezessete anos e um rapaz de dezito, não podem ter nenhuma senso de responsabilidade e nem controla sobre certas reações da natureza. Isto de se dizer "ah, ela está preparada, está bem instruída, está sabendo que não pode ir além das medidas estabelecidas e patati-patata" não resolve absolutamente nada. Meu pai é que dizia, com muito acerto, o seguinte: toda mulher tem, na sua vida, a hora do diabo. Se nesse justo momento ela tiver diante de si um homem digno, estará salva, mas se tiver a infelicidade de se encontrar diante de um canalha, então estará irremediavelmente perdida. A frase não era dele, nem é minha. Era de um escritor que ele citava, mas de que eu não me lembro o nome. O que interessa, no entanto, é a grande verdade que esse pensamento contém. A mulher é frágil, minha filha, e muito mais sensível do que o homem. Portanto, está sujeita a muito maiores perigos pela fragilidade da sua própria natureza.

ROSE

A mulher é muito mais forte do que o homem e domina-se muito mais do que ele. Já se foi o tempo em que éramos o sexo fraco. Hoje não. (TOM) Dem, eu vou retocar a minha maquiagem que o Ismael não pode demorar muito. Já são quase onze horas. (SAI PARA DENTRO) (ALMERINDA GALINHA EM RUGO ENLA CENA, PRECUPADA, VAI ATÉ A PORTA, OLHA PARA FORA, VÊ QUALQUER COISA E ABRE A PORTA, MARLENE VEM DE FORA AO ENCONTRO DELA, CORRENDO, ABRE-LHE A MÃO E DÁ-LHE UM BEIJO)

MARLENE

Como vai a senhora?

ALMERINDA

Dem, obrigada. Você vai bem?

MARLENE

MUITÍSSIMO bem. (APOINHA PARA LONGE) Viu o presente que meu pai me deu de Natal? (PARA) Não é lindo?

ALMERINDA

MUITO BOMTO. Quer entrar, ou prefere que eu chame o Rony?

MARLENE

Eu vou entrar um pouquinho. Ele talvez ainda não esteja pronto.

ALMERINDA

Não, ele já está pronto, sim, nas entre.

(ENTRAM AS DUAS. DEPOIS ALMERINDA FECHA A PORTA E VEM SENTAR-SE COM MARLENE)

ALMERINDA

Sento-me um pouquinho. Ele não demora.

MARLENE

(SUSPIRANDO-SE) Obrigada.

ALMERINDA

Vocês estão pretendendo ir a algum lugar determinado?

MARLENE

Acho que não. Tenho a impressão de que o Rony vai querer xodax à-toa a noite toda.

ALMERINDA

Eu posso fazer um pedido a você?

MARLENE

Pode, sim senhora.

- ALMERINDA Não dê a direção ao Rony e não corra demais, sim?
- MARLENE Não se preocupe. Eu estou muito acostumada a dirigir o carro do papai.
- ALMERINDA Si eu pedisse a vocês para irem dar uma volta e à meia noite virem coar comigo, seria pedir demais?
- MARLENE Por mim não se importaria, mas estou certa de que o Rony não vai querer.
- ALMERINDA É pena. Eis tanta coisa boa para a coia de hoje! Até peru.
- MARLENE (AVOADA) Lá em casa também fizerei, mas eu já avisei que não vou.
- ALMERINDA E à missa do galo, vocês não pretendem ir? Você é católica?
- MARLENE Quer dizer... sou, mas quase nunca vou à missa. Uma vez ou outra.
- ALMERINDA Mas neste Natal você deveria ir, porque este é o ano da fé e, portanto, a missa terá uma dupla significação.
- MARLENE Si o Rony quiser a gente vai. A que horas é?
- ALMERINDA À meia noite, como sempre.
- MARLENE Depois eu falo com ele, mas desconfio muito que ele vai querer rodar a noite toda. (TOU) A senhora quer fazer o favor de chamá-lo? E emprestar-me um espelho para ver os meus cabelos como estão?
- ALMERINDA (MOSTRANDO) Ali no banhedrinho social você poderá olhar-se à vontade. Acenda as lâmpadas do espelho que a luz fica melhor do que a de cima. (LEVANTAM-SE AS DUAS MARLENE VAI PARA O LADO E DESAPARECE. ALMERINDA VAI AO LADO CONTRÁRIO E CRITA PARA DENTRO)
- ALMERINDA Rony, a Marlene está aqui.
- RONY (DE DENTRO, FORTE) Já vou, mãe.
- (ALMERINDA ABRE AS CORTINAS DO FUNDO, PEGA A BANDEJA, RECOLHE MAIS OS PERFEITOS DE DOIS LIGARES DA MESA, DEIXANDO O DA GARÇEIRA E OS DOIS LIGARES DA ESQUERDA; VAI AOS BASTIÕES DEIXA TUDO E VOLTA COM A BANDEJA VAZIA. RECOLHE-A NO LUGAR EM QUE ESTAVA E FECHA AS CORTINAS. QUANDO VEM VINDO PARA O CENTRO DA CENA SURTE RONY, ABRAVO, CORRENDO EM DIREÇÃO À PORTA.)
- RONY Está no carro, a Marlene?
- ALMERINDA Não, está ali no banhedro social. Ibi arrumar os cabelos, enquanto esperava - você.
- (RONY ABRE A PORTA E FICA OLHANDO, SORRIDENTE, NA DIREÇÃO DO GANHO. A MÊ SE A PROXIMA DÊLE)
- RONY Veja só que carro bacanão, não.
- ALMERINDA Já vi. Marlene já me mostrou.
- RONY Puxa vida! Eu com um carrão desses vou me sentir dono do mundo! Eu vou lá, não. Dê a ela.
- ALMERINDA Espere. Ela há de querer mostrar o carro a você.
- (RONY VOLTA PARA DENTRO, TUDO AO BASTIÃO DO LADO E CRITANDO)
- RONY Ainda logo, Marlene, que eu estou aflito para experimentar o bacanão.
- MARLENE Já vou, meu bem. Estou dando um jeito no meu cabelo que o vento desmanchou todo.
- RONY (CRITANDO) Vê se não demora.
- ALMERINDA Meu filho, vocês deviam ir à missa, antes de passear.
- RONY Ah, não, não dá. Ficar uma hora inteira dentro da igreja e o carro parado lá fora? Não ia poder prestar atenção ao que o padre dissesse.
- ALMERINDA Mas meu filho, este Natal é duplamente importante porque ...

(ENTRA EM CENA MARLENE, TUDA COM OS MÃOS NOS CABELOS E SE DIRIGINDO A ROUY QUE ESTÁ COM TODOS OS DENTES DE FORA)

MARLENE (APERTANDO-LHE AS MÃOS) Você já viu?

ROUY Só de longe. Esperei por você para irmos juntos.

MARLENE (PARA AIHERINDA) Viu como ôle é um amor? Esperou por mim para irmos juntos.

AIHERINDA (SIGNIFICATIVA) É, esperou.

(ROUY PISCA O OLHO PARA AIHERINDA, TAMBÉM SIGNIFICATIVAMENTE. ABRAGA MARLENE, TENTANDO CONDUZÍ-LA PARA A PORTA)

MARLENE ESPERE. Deixo eu no despojar de sua mãe. (TOR) Ah, é verdade, ela convidou para nós virmos comê à noite. Você quer?

ROUY Não. Vamos rodar por aí que é muito mais programado. Se a gente sentir fome, como um passaporte p'ra o inferno, lê na Redenção, e continua.

MARLENE Boa noite, então, dona Almerinda. Um feliz Natal para a senhora.

AIHERINDA Obrigada. P'ra você também.

MARLENE BEIJA DONA AIHERINDA. JÁ ROUY A ABRASÇA PARA A PORTA E SAI COM OS DENTES CORRENDO PELA PORTA DO JARDIM E SAÍM. DONA AIHERINDA VAI ATÉ À PORTA. ABRE-A, FITA UM MOMENTO OMBUDO E FALA SEXTADA.

AIHERINDA Meu filho está num tal alvoroço que nem um beijo no céu.

ELA FITA PERADA NAIS UM MOMENTO. ENTRA, FECHA A PORTA. CANTINA DESAQUILADA ATÉ AO SOPÁ E DEIXA-SE CAIR INTE. HÁ UMA PAUSA. TOCA O TELEFONE.

AIHERINDA (ATENDIDO) Alô! (PAUSA) Não, é a mãe dela. Quem é que fala aí? (PAUSA) Eu não reconheci a sua voz. (PAUSA) Está, sim. Esperando o seu telefonema há mais de uma hora. (PAUSA) Um momentinho que eu vou chamá-la. (PAUSA) Não, é melhor o senhor falar com ela mesma. Um momento. (DEIXANDO O FONE) Rosol! O Inesol no telefone. (LIGA FONE) Rosol!

ROSE (DE DENTRO) Já vou, mãe.

AIHERINDA (LIGO FONE, PENSANDO ALTO) Eu quero que ela fale com ôle, para sentir o que eu senti.

ROSE (ENTRANDO) Eu me sentei na poltrona do quarto, para passar o tempo, e escabei adormecendo. Nem senti o telefone tocar. (AO TELEFONE) Alô, querido, que demora foi esta? (PAUSA) (SUSPIRO) Ora, meu amor, francamente!... Não pensei que você pudesse se esquecer de mim. (PAUSA) Mas claro que esqueceu, como é que não? (PAUSA) Mas você não ficou de me telefonar às dez horas? (PAUSA) E já não são mais de onze? (PAUSA) Então como é que não esqueceu? Se tivesse pensado um bocadinho em mim, não teria ido bebericar com os amigos. (PAUSA) Ah, não sei, eu acho que já não quero ir mais a lugar nenhum.

AIHERINDA OLHA LUTO ABREADA E SÚBITAMENTE OCORRENTE PARA A FILHA, VINDO PARA A FRENTE DELA E FAZENDO-LHE SINAIS DE CALMA. APROVAO-A, SURRIDENTE E PERMANECENDO NA ESCUTA.

ROSE Eu estou prontíssima desde as dez e meia, vestida, penteada, pintada e tudo. Acho que nesta altura já tenho que refazer a pintura e o penteado. (PAUSA) Não sei, não. Já não tenho mais vontade de nada. (PAUSA) Pois então venha logo. (PAUSA) Não faz mal, você leva espal. Ou você pense que não tem cabelo e toalha? (PAUSA) Não, isso nós resolvemos depois que você chegar. E venha logo, então eu já não vou mais a parte alguma com você.

AIHERINDA ABREIA E DESAQUILADA DEBILITADA O SORRISO, CALMAMENTE, PERMANECENDO NA

NA O COFÉ E DELICIAO-SE CANTO SÓBRE ÉLE.

- ROSE Mas, então deixa de conversa e vai logo que o tempo está passando. (PAUSA) Claro, tenho que estar de mau humor. Estou há mais de uma hora pronta e você não me telefona nem me aparece... (PAUSA) Quanto vez? (PAUSA) Até já. (PAUSA) O que?, (PAUSA) Não dou beijo nenhum, você não merece. (DESLIGA O TELEFONE MEIO BRUSCA -- NINTE). A senhora ouviu, não?
- ALMERINDA Não, minha filha, não ouvi nada. Estava pensando em tantas outras coisas... tão preocupada...
- ROSE Ele não telefonou antes porque parou-se a bobericar com uns amigos e não deixou o tempo passar. A senhora não acha um desaforo isto que ele fez?
- ALMERINDA Desaforo, não, minha filha. Acho um perigo você sair com um homem que já está completamente alterado pela bebida. Ou você não sentiu isto, através do telefone?
- ROSE Completamente alterado também não, não. Ele está como todos os rapazes ficam nas festas, hoje em dia; um pouquinho "alto".
- ALMERINDA Tão "alto" que dá para sentir-se pelo telefone. Você não acha isso uma coisa horrível, minha filha?
- ROSE (RUIDO) Ora, não, francamente! Mas se vê que a senhora não vai à sociedade há muitos anos. Isto, hoje em dia, é normal, não tem nada de maior. Até as senhoras e as moças ficam "altas" nas festas, ~~quando~~ quanto mais os rapazes.
- ALMERINDA Que coisa horrível, meu Deus! Até que ponto chegamos! Você não pode sair com o seu noivo assim como ele está, minha filha; é uma torpezidade.
- ROSE QUE BOBAGEM, não, não tem perigo nenhum. É, principalmente o Ismael que fica dócil que é uma beleza. Há um que se enfurece e fica horrível, só querem fazer aranga. Ele não. Fica um cordeirinho que a gente leva para onde quer.
- ALMERINDA Quer dizer, então, que seu noivo já está acostumado a fazer essas coisas e você já sabe?
- ROSE Mas claro, não, que bobagem!... Quem é que, em sociedade, não toma hoje o seu pilloquesinho, de vez em quando? Uma ou outra puritana quadrada, do contrário -- todo o mundo vai.
- ALMERINDA E até você, minha filha?
- ROSE Não, eu já lhe disse ~~que não~~ bobo porque não posso. Fico logo com uma dor de cabeça horrível e com a noite toda estragada. Não passo, nunca, de um aperitivo e uma taça de champagne ou a metade de um whisky.
- ALMERINDA Minha filha, já que você disse que o seu noivo fica que é um cordeirinho, quando está assim, convence-o a ficar aqui e eu oferecerei a vocês uma coisa muito gostosa que a Sebastiana está fazendo, com peru recheado de nozes, creme de aspargos, que você tanto gosta e uma torta de Natal que é uma delícia verdadeira!
- ROSE Mas e a coisa na casa do industrial, amigo do Ismael, que nos convidou? Não pode nos desapontá-lo, não. É um convite que qualquer pessoa se sentiria honrada, seria quase uma ofensa não comparecer.
- ALMERINDA Mas você pode telefonar para a casa dele, dando uma satisfação. Pode dizer que seu noivo está muito indisposto e por causa disto, com inano pesar, deixou de comparecer. Você não sabe a alegria que me daria, filha. E, ao menos, eu negociaria consigo a coisa de Natal que mandei preparar para todos.
- ROSE Mas foi bobagem sua preparar uma coisa para todos, sabendo que cada um de nós tinha um compromisso.

- ALMERINDA Mas é que eu pensei que o compromisso maior de todos vocês ainda fosse eu. Por isso não disse nada, pensando fazer-lhes uma surpresa.
- ROSE Não, não, desisto. É duro a gente se preparar toda, fazer um vestido novo e acabar ficando em casa.
- ALMERINDA E não será duro uma mãe preparar uma ceia para três filhos e na hora de servi-la ter que sentar-se à mesa sozinha porque nenhum dos três quis fazer-lhe companhia? (OUVE-SE A BUZINA DE UM AUTOMÓVEL LÁ FORA)
- ROSE Olhe, o Ismael está chegando. Tem toalha limpa no banheiro social? Ele disse que ia precisar lavar as mãos que estão sujas de graxa porque teve necessidade de mexer no motor.
- ALMERINDA Tem toalha limpa, sim. E uma toalha muito boa, por sinal. De linho e bordada. Acho até que vou trocá-la com medo que ele possa manchá-la de graxa. (SAI PARA O LADO DO BANHEIRO SOCIAL ONDE MARLÊNE FOI, ANTERIORMENTE)
- ROSE SE LEVANTA, ARRUMA O VESTIDO, DESLIZA OS CARRINHOS DO ESPETHO, SE TIVER ALGUM EM CENA E CALÇA PARA A PORTA A FIM DE RECEBER O NOIVO, ABRE A PORTA E FICA SÉRIA, SEM SORRIR, ATÉ QUE ELE CHEGA, TENTA BEIJÁ-LA, MAS ELA SE ESQUIVA, ISMAEL, EM MANGAS DE CALÇA, MÃOS SUJAS DE GRAXA, NUNCA TOCADO.
- ISMAEL (A VOZ UM POUCO ABRASTADA PELA SEMI-ESBERTALGUEZ) Demorei muito, querida?
- ROSE (ESQUIVANDO-SE AO BEIJO E FECHANDO A PORTA) Não, você não me decepcionou.
- ISMAEL Não fique zangada, meu amor. (REPARA) Ih, você está linda!... Pena que eu estou com as mãos sujas e não posso agarrá-la à força para roubar-lhe o beijo que você me negou.
- ROSE Pois então vá lavar suas mãos ali no banheiro social que a mãe está lá. Ela vai-lhe dar uma toalha limpa.
- ISMAEL FAZ RUCIUNHO DE BEIJO PARA ROSE MAS ELA, AJUDADA, VIRA-LHE AS COSTAS, ELE SORRI.
- ISMAEL Bobinha, você sabe que eu a adoro! (SAI)
- ROSE (PARA SI MESMA, VINDO SENTAR-SE) Ele vai me pagar cara essa demora. Não lhe dou um único beijo esta noite. (PEGA O CASACO QUE ELE DEIXOU NAS COSTAS DE UMA POLTRONA E EXAMINA-O. PEGA UM FIO DE CARRÃO E EXAMINA-O.)
- ROSE Que susto eu levei agora! Mas é dóile mesmo. RECORRE O EXAME DO CASACO, CHEIRANDO-O EM DOIS OU TRÊS LUGARES, QUANDO ESTÁ FAZENDO ISTO, É SURPRESIDIDA POR UM CHEIRO, ESCONDE, RÁPIDA, O CASACO NAS COSTAS;
- ALMERINDA Que é isto, minha filha?! Você está cheirando o casaco do seu noivo?
- ROSE (ATRAPALHADA) Não, não... quer dizer... sim, sim, eu estava cheirando...
- ALMERINDA Claro que estava, pois eu vi. Não é preciso me dizer.
- ROSE É que... sabe, mamãe?... Eu... eu estava sentindo um cheiro muito forte de gasolina ou gasolina - sei lá - e quis ver se não era do casaco. Se fosse, ele teria que ir mudar a roupa. Mas não é.
- ALMERINDA (SABENDO) Não é?
- ROSE Não, não é.
- ALMERINDA Ainda bem. (LÉTRA ISMAEL? DE VOLTA, COM O FLETO NA MÃO, OLHA-O DO LADO DA CALÇA E VAI AO CASACO, CHEIRANDO-O, ESTÁ COM CENHA DISTURBADA E ABALADA, SEM LHE BEM VER, CHAMA A ATENÇÃO DE QUEM ESTÁ LÁ, MAS ELA SE NEGA, BASTO DE QUEBROS, ALMERINDA AJUDA-O.)

- ISRAEL Como ó? Podágon ir?
- ROSE Já devíamos ter ido.
- ISRAEL Vamos, então. No caminho eu vou explicar a você o que aconteceu, para acabar essa brabeza. Boa noite, dona Amorinda.
- AMERINDA Boa noite. Tenham juízo e cuidado, por favor.
- ROSE (SEN BELJAR A LUZ. ENJOADA) Boa noite, mamão.
- AMERINDA Vai com Deus, minha filha. Ele que tome conta de vocês.
- SAI ROSE EM FUGIDA. SEGUIDA DE ISRAEL E AMERINDA FICA UM MOMENTO NA PORTA. ATÉ ONDE OS ACOMPANHOU. DEPOIS ENTRA, FECHA A PORTA E VEM PARA A COZINHA QUE ABRE DE PAR EM PAR. VÊ O CRIATILHO E CHEGA PERTO DELE. FALA.
- AMERINDA Meu Deus, Tu sempre me socorreste. Hoje, mais do que nunca, eu preciso de Ti. (VEM PARA O CISTRO DA CHINA E SENTA NO SOFÁ) Que bon que ela esqueceu o miô. Se o tivesse levado, eu inda estaria mais aflita. (ENTRA SEBASTIANA, PRETA VELHA, DE CHALEZ PRONTA PARA SAIR)
- SEBASTIANA Vin dizê pra sucô, sinhá, que tá tudo pronto e a nêga véia vai sinhora que a fia dela e mais a neta tão insperendo ela lá.
- AMERINDA (DESANIMADA. SEN OLHAR SEBASTIANA. PROMIUDA TRISTEZA NO OLHAR E NA VOZ) Está boa, Sebastiana, vai. Vai fazer a tua coiza de Natal com a tua filha e a tua neta.
- SEBASTIANA Ra man quiria deixá sucô pòsinha, mas squerdito que os menino man dímore a vortá, man ó novo?
- AMERINDA Não, Sebastiana, ães só voltam de madrugada. Minha filha também. Mas não tem ia portância, vai. Tu não podes decepcionar os que te esperam, os que desejam a tua presença.
- SEBASTIANA Qué que tote as cousa tudo na mesa, ou deixo lá memo em riba do fogão?
- AMERINDA Não, deixa lá. Acho que ninguém comará daquela coiza. Aliás tu podias levar alguma coisa para ti, se quisessem. (TORI) Olha, leva. Vai lá e tira a metade do peru, um pouco da salada e leva para você comer. E na geladeira tira, também, uma garrafa de champagne e duas de vinho. Torta, também, se quisessem, podes tirar a metade.
- SEBASTIANA Ih, sinhá, vai sê tua festa tanta coiza boa. A fia só foiz uma galinha com arroz e uma sangica com cõe.
- AMERINDA Pois então leva o que quiseres. Mas ao menos você aproveite da minha coiza de Natal. (SEBASTIANA VOLTA PARA DENTRO. AMERINDA FALA PARA LONGE) Se quiseres leva na cesta das compras e depois de amanhã traz de volta.
- SEBASTIANA Tá, sinhá. Obrigádo.
- AMERINDA LEVANTA E VEM PARA A MESA. OLHA TUDO. PEGA A BRIDEJA E TIRA OS PERTEGUES DE MAIS DOIS LUGARES. DEIXANDO SÓ OS DA CADEIRA. VAI SAIR E VEM LEVANTANDO QUALQUER PAZ COM QUE EJA DEVERIA O PASSO.
- AMERINDA Não, eu não vou coar còsinha. Tenho certeza absoluta de que Ele estará comigo. (VOLTA E BOTA EM LUGAR SÓ DO LADO. DEPOIS DE REOLHAR OS PERTEGUES, LEVA PARA DENTRO OS OUTROS. DEIXA TUDO DOS BASTILHES E VOLTA. FICA OLHANDO A MESA UM MOMENTO EM SILÊNCIO. TIRA UM LENÇO DO DIBOTE E LIMPÁ DISCRETAMENTE OS OLHOS. SURGE SEBASTIANA COM UMA CESTA TAPADA POR UM GUARDANAPO MAS DEIXANDO DE FORA O GARGALO DE UMA GARRAFY DE CHAMPAGNE E DUAS DE VINHO.
- SEBASTIANA Tá aqui, sinhá, tirei só o que sucô mandô. Metade do peru cozinhado, metade de torta, um miocão de salada, a champagne e os vinho. Qué vô?

- AIMERINDA Não, Sebastiana. Basta que tu me digas. Confiei em ti toda a minha vida, por que haveria de duvidar hoje?
- SEBASTIANA Entonce eu vou andando que nós inda quereino i na missa do galo, mais ante do cunê. Na vorta é que nós jantemo. A sinhá nun vai na missa?
- AIMERINDA Tinha pensado em ir, como todos os anos, mas a igreja é longe, e minha rua deserta e tenho medo de andar sôzinha mais tarde. Deus sabe que eu não vou porque não poço, há de me perder.
- SEBASTIANA Eu tenho muita pena de deixá suncô sôzinha, sinhá. Si iam fôsse por taras não me insperando, eu intô non ia, prá lhe fazê companhia.
- AIMERINDA Do jeito neniani, Sebastiana. Eu te agradeço a intenção, mas não poderia permitir que tu passasses o Natal separada dos teus por minha causa.
- SEBASTIANA É que me dá pena, sinhá. Suncô com três fio e filá sôzinha numa noite ~~anssa...~~ É muita ingretidão.
- AIMERINDA Eles não tem culpa de nada, Sebastiana. Eu é que não soube educá-los. Não soube incutir no espírito d'êles certos deveres. Também... sôzinha... desorientada... fis o que me era possível. Não posso acusá-los, nem permitir que ninguém os acuse. Os filhos precisam ser guiados e eu, por excesso de amor, não soube guiar os meus. Eu tou colhando, apenas, aquilo que plantei.
- SEBASTIANA Num é, não, sinhá, é que suncô nasceu não prá vivê só. Dando tudo prá todos e mas arrecolendo nada de ninguém. Meu sei como suncô inda tem coraço.
- AIMERINDA E a fé, não conta? A fé é um grande ~~auxiliário~~ estímulo, Sebastiana. É um poder rose alavanca, um sustentáculo inigualável. Eu nunca, nem mesmo nos momentos mais amargos de minha vida, perdi a minha fé, graças ao bon Deus! Mas vai, Sebastiana. Vai, senão acabas chegando tarde. Pega um automóvel no ponto para iras mais depressa. (DÊVE A LÊO NO BOLSÃO DA SAIA E DÁ UMA NOTA PARA SEBASTIANA).
- SEBASTIANA Tô bô, entonce um feliz Natal prá suncô, sinhá e muito obrigado por tudo.
- AIMERINDA De nada. Feliz Natal para você também.
- (GANHAM AS DUAS PARA A PORTA. SEBASTIANA SAI, AIMERINDA FECHA A PORTA COM A CHAVE, TIRANDO-A E BOTANDO-A NA ESTANTE. APAGA A LUZ DA SALA E VAI PARA A IJESA. AGU- DE AS VELAS DO ABRAHIM OU DOS CADELAHOS. VAI SENTAR NA CADEREIRA. NAS ALTES DE COMPLETAR O MOMENTO LEVANTA-SE.)
- AIMERINDA Não. O lugar de honra deve ser para ôle, quando chegar. Vou sentar-me ali e esperar-lo.
- (LEVA PARA O LUGAR DO LADO, TIRA UM ROSÁRIO DO BOLSÃO E COMEÇA A REZAR ADOLUIDO OS CORDELOS NA IJESA.)
- A CENA VAI ESCURECENDO ENQUANTO LÁ FURA BATE O SUCO DA IGJESIA E ENTRA A MÚSICA DA NOTTE FELIZ. O ESCURECIMENTO SE COMPLETA E O PAPO CORRE LEVANTANTE PARA O

EM DO PRIMEIRO ATO

## SEGUNDO ATO

AO ABRIR-SE O PAIO PARA O SEGUNDO ATO, A CENIA ESTÁ IGUAL AO MOMENTO EM QUE FOI fechado o pano no primeiro ATO. AS VELAS DEVEM ESTAR QUEIMADAS PELA METADE, PARA DAR A IMPRESSÃO DE TER PASSADO UMA HORA QUASE. NOVAMENTE OS SINDS TOCAM PARA JUDICAR O FILI DA MESA DO GALO. DONA ALBERQUINDA, AINDA COM O ROSÁRIO NA MÃO BEIJE-SE, BEIJE O ROSÁRIO E GUARDA-O NO BÓLSO. PERMANECE QUIETA, PARADA, TAMBÉM NADA POR UM RAIÃO DE LUZ QUE ENTRA PELA JANELA. UM HOMEM DE NETA IDADE ENTRA SEM BATER, ABERTO A PORTA COM A CHAVE. ESTÁ UM VESTIDO, MAS PROFUNDAMENTE ABATIDO, FECHADO, NOVAMENTE A PORTA COM A CHAVE E GUARDA-A NO BÓLSO. A SEGUIR AGENDE A LUZ DA SALA, JRETO À PORTA, PARA, OBSERVANDO TUDO. DONA ALBERQUINDA NOTOU A CHEGADA DE ALGUÉM E LEVANTA A CABEÇA, PERMANECENDO NA EXPECTATIVA. É O DOUTOR EMANUEL, MARIDO DE ALBERQUINDA, QUE AGORA DE CHEGAR, VAI CAMINHANDO LENTAMENTE PARA A SALA DE JANTAR. AO VER ALBERQUINDA, PARA, ELA, COMO QUE TOCADA POR UMA MOLA, LEVANTA SE NUM SUSTO QUE É MAIS SURPRESA DO QUE OUTRA COISA. PERMANECIM UM INSTANTE PARADOS, OLHANDO-SE. ELA VAI ABERTO, AOS POUCOS, UM SORRISO, ATÉ QUE SE DECIJA, COMPLETAMENTE E COM VOZ SUAVE E DEBILITADA DIRIGE-SE A ELE, APOIANDO-LHE A CABECHEIRA DA MESA.

- ALBERQUINDA (INDIÇÃO E TENDURA) Você veio, Emanuel. Que bom! Venha, sento-se. Eu o esperava. ELE QUE AINDA NÃO DESLIXOU SUA INDIÇÃO, CONTINUA PARADO, SEM SAIR DO LUGAR. ALBERQUINDA VEM INSTANTANEAMENTE PARA ELE, TOMA-LHE A MÃO E CONDUZE-O ATÉ A CABECHEIRA, MOSTRANDO-LHE O LUGAR.
- ALBERQUINDA Veja como é verdade que eu o esperava. Seu lugar estava pôsto. EMANUEL NÃO SE CONTÉM MAIS E ABRAGA-SE BRUSQUEMENTE A ALBERQUINDA, DESLIXANDO-LHE A CABECHEIRA DO CORPO E SACUDINDO O CORPO EM SOLUCOS, SEM DIZER NADA. ELA APEGA-LHE OS CABECHEIROS POR UM MOMENTO. FALANDO INIGAMENTE.
- ALBERQUINDA Vamos... vamos... tudo passou. É sempre hora de recomeçar... Eu sabia que você voltaria, um dia. A minha fé me dizia.
- EMANUEL Ela me abandonou... e eu não suportei a vida sozinho. Principalmente hoje... noite do Natal... a solidão me pesou muito mais do que nos outros dias.
- ALBERQUINDA Eu também estava só. ~~meus~~ filhos saíram todos. Mas a hora de nos encontrarmos. (IMPULSIVO-O SUAVEMENTE) Mas conto-se, vamos.
- ELE SE DIRIJA NA CABECHEIRA, ENVIANDO OS OLHOS E ELA VAI PARA O OUTRO LUGAR, SENTANDO-SE TAMBÉM E CONDUZINDO A MÃO DELE COM A DEUA.
- ALBERQUINDA Sabe quem o trouxe,
- EMANUEL Sei. A solidão.
- ALBERQUINDA Não. A minha fé. Eu confiava tanto em que Jesus me atenderia que Ele não quis me decepcionar. Sabe que este é o ano da fé?
- EMANUEL Não, não sabia. Quando me afastei de você, afastei-me também de Deus.
- ALBERQUINDA Mas agora que você voltou a mim, vai voltar a Ele também.
- EMANUEL Os outros saíram todos? (ELA SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE) Onde foram?
- ALBERQUINDA Por aí. Cada um foi fazer o seu programa.
- EMANUEL E deixaram você sozinho? Na noite do Natal? (ELA AGITA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE) Você não devia ter consentido nisso.
- ALBERQUINDA Faltou-me energia. Depois que eles cresceram, não pude mais dominá-los.
- EMANUEL Eu tomarei conta disto outra vez, docemente.

- ALMERINDA Eles são bons. São todos bons. É que deixaram-se contaminar pela vida moderna. E eu não tive forças para tolhê-los. A luta era grande. Mantê-los não custava pouco. Quando voltava para casa, cansada, não tinha mais energias.
- EMANUEL Eu sou o único culpado. Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa.
- ALMERINDA Foi, talvez, uma loucura de momento.
- EMANUEL Sim. Tem razão. Foi precisamente isto. Uma loucura de momento. Ela era jovem... bonita... lovíssima... Tinha um brinquedo nas suas mãos. Nem sequer se deu conta da destruição que fez nas nossas almas. Há muito eu desejava voltar, juro-lhe. Não o fiz por receio de ser mal recebido.
- ALMERINDA Engano. Sua presença era desejada por todos nós, por mim muito mais do que todos, pela necessidade que eu sentia do seu apoio.
- EMANUEL E eu lá fora, sofrendo, chorando em silêncio... desejando o calor do meu lar para derrotar o gâlo que se fez n'alma.
- ALMERINDA Eu também chorei muito em silêncio, depois que as luzes se apagavam. Rose passou para o meu quarto e veio dormir na minha cama. Eu parecia os meus solugos até sentir que ela dormia e só então aliviava o pranto que me opria o coração. E quando falavas em você? Às vezes eu era obrigada a morder os lábios para não gritar-lhes, no meu desespero: calen-se, por favor! Deixem-me esquecer-lhe! Por que não de fazer que eu me lembre d'êles todos os dias? A quase todas as horas?
- EMANUEL (APAGANDO AS LÂMPADAS DELA) Faltou Almerinda! Que louco eu fui!
- ALMERINDA Bem, mas tudo isto, agora, passou e a nossa vida há de continuar da mesma forma que antes, como se nada tivesse havido.
- EMANUEL Nossos filhos... estarão de acordo que eu fique?
- ALMERINDA Nunca falamos nada sobre isto. Nada de nada. Mas a impressão que tenho é de que, todos eles, sentir-se-ão felizes da vida com a sua volta.
- EMANUEL Sabe a sensação que sinto ao sentir-me outra vez em nossa casa, ao seu lado, acolhido com o seu carinho e a sua ternura habitual? A de ter acordado de um horrível pesadelo, onde os blocos de pedra de um edifício vinham caindo sobre mim, ameaçando me matar.
- ALMERINDA Você juntou, querido?
- EMANUEL Não. Não comi nada, durante todo o dia de hoje. Limitou-me a tomar café e fumar. Na hora em que pretendi comer um sanduíche não consegui engolir nem o primeiro pedaço. Fiquei a mastigá-lo e por fim joguei-o fora.
- ALMERINDA Nossa ceia de Natal está pronta. Temos crêpe de aspargos, que você gosta tanto, peru à brasileira, com nozes e farofa, pirê de maçã, salada de legumes e torta de creme com frutas.
- EMANUEL Um cardápio delicioso! Uma verdadeira ceia de Natal.
- ALMERINDA Vinho branco geladinho, champagne e um cafêzinho feito na hora.
- EMANUEL Fois então vamos dar início à nossa ceia que só de pensar-la já eu fiquei com água na boca.
- ALMERINDA Faltou só uma coisa que eu, lamentavelmente, não providenciei. Um esquecimento imperdoável.
- EMANUEL QUE FOI?
- ALMERINDA O seu charuto de Havana para os dias festivos.
- EMANUEL Você ainda se lembra? Nas casualmente eu trago dois deles consigo. Um cliente levou-me um pacote, hoje, ao consultório.

- ALMERINDA Pode então está completa a nossa casa. Você espera um pouquinho até que eu aqueça o creme e traga, ou prefere ir lá comigo?
- EMANUEL Acho que vou preferir ficar ao seu lado.
- A CAMPAINHA DA PORTA TOCA COM GERÇA INESISTÊNCIA. ALMERINDA ESTRANHA E VAI ATENDER. ABRE A PORTA.
- ALMERINDA Quem será? Os filhos me avisaram que voltariam tarde... (ABRE A PORTA) Minha filha! Que houve?!...
- ROSE Meu noivo estava se portando inconvenientemente, na festa, deixei-o sozinho e vim em hora.
- ALMERINDA Lamento imensamente o que aconteceu, filhinha, mas estou muito contente por você ter vindo. Vai ter uma grata surpresa. (TRAZE-A PELA MÃO ATÉ ONDE DEIXOU EMANUEL. ELE SE LEVANTA E SORRI PARA A FILHA. ELA PARA UM MOMENTO, NÃO QUERENDO ACREDITAR NO QUE ESTÁ VENDO E DEPOIS ATIRA-SE NOS BRACOS DELE, A SOLICAR DE DOR E ALEGRIA AO MESMO TEMPO.
- ROSE Paizinho!... Paizinho querido!... Que bom que veio!... Eu precisava tanto do senhor!
- EMANUEL Pois eu estou aqui, novamente, para ajudá-los e protegê-los.
- (ALMERINDA VAI LÁ DENTRO E VEM COM OS SESSORES DE MAIS UM LUGAR QUE RECOLOCA NA MESA. DEIXA A BANDAJA NUM CANTO QUALQUER.
- ALMERINDA Nós fomos, justamente, dar início à nossa ceia de Natal, filha. Você chegou precisamente na hora de acompanhá-los.
- ROSE Sim, sim. Mesmo que não coma, estarei na mesa com vocês, para fazer companhia.
- EMANUEL Que aconteceu com você, filha? Pode saber?
- ROSE Claro. Tem todo o direito, como pai. Ismael, meu noivo, levou-me para uma festa em casa de um grande industrial, seu amigo, e só cuidou de beber, deixando-se completamente abandonada num ambiente estranho, onde eu não conhecia ninguém. O dono da casa, ao se dar conta do meu abandono, resolveu proteger-me. Não gostei da maneira dele e fui me queixar ao Ismael. Sabe o que ele me respondeu, papai? "Pode flertar com ele, não tem nenhuma importância. Será uma maneira de retribuir a gentileza dele, convidando-nos para a sua casa."
- EMANUEL Mas que sujeito sou, hein, minha filha! Esse rapaz não serve para você.
- ROSE Não já me disse isso, mas só hoje me convenci da verdade. Deixei-o lá com uma garrafa de whisky caçoas na mão, apertei a tecla da porta e vim embora.
- EMANUEL Foi muito bom, minha filha. Orgulho-me de você.
- ROSE Com cortesia, a esta hora, deve andar lá, à minha procura, de garrafa na mão.
- O TELEFONE TOCA. TODOS FICAM CURIOSOS. TORNA A TOCAR.
- ROSE Deve ser ele. Não quero atendê-lo.
- EMANUEL FAZ UM GESTO COM A MÃO CORO QUE DIZENDO QUE ELA DEIXE QUE ELE ATENDE. CAI NA MESA PARA O TELEFONE, QUE CONTINUA CHAMANDO, E TIRA O FONE.
- ALÔ. (PAUSA) Sim, é da casa de Rose. Quem fala aí? (PAUSA) Ah, muito bom. Ela está aqui, sim. (PAUSA) Mas ela não deseja falar com o senhor. (PAUSA) É que importa que seja o noivo, se ela não quer atendê-lo? (PAUSA) Quem está falando aqui é o pai dela. (PAUSA) É o pai dela, sim senhor. (PAUSA) É cheguei de viagem, sim. Vin para passar o Natal com a minha família. (PAUSA) (RISCUDO) Não senhor, não vou ela não-la porque ela já me declarou que não quer falar com o senhor e não vai falar, entendeu? (PAUSA) Entenda como quiser. Boa noite. (RESSURTA) Pronto, minha filha. Tenha a impressão de que isto não vai mais atorrecê-la.

- ALBERTINA Não chore, minha filha. É para o seu bem. Deus resolveu não dar, hoje, todos os presentes que eu lhe havia pedido. Você encontrará outro que saiba amá-la e respeitá-la. Eu tenho fé.
- ROSE Eu não devia chorar. Não devia estragar a alegria de vocês, numa noite como esta, mas... Eu estava me desiludindo d'ele, a cada dia, mas ainda restava no meu coração uma pontinha de amor e de esperança de que ele pudesse se modificar, entendeu?
- EMANUEL Não há mal que sempre dure, minha filha, e esta pontinha de dor que você está sentindo, vai passar logo, você verá.
- ROSE (RECUSANDO OS OLHOS E ATRAIENDO AS FILHAS PARA TRAZ. COM UM GESTO DE CANELA) Já passou, papai. Já passou, irmão. Não fiquem tristes. E agora vamos tratar da nossa ceia de Natal que eu estou começando a sentir fome. Não comi quase nada no almoço... não jantou...
- ALBERTINA Eu vou então aquecer o creme de amêijoas e já venho servi-lo.
- ROSE Não, não. A senhora vai ficar conversando com papai. Eu vou fazer isto. (SAI LIGEIRO PARA DENTRO. OS DOIS VÊM SENTAR NO SOFÁ. DE MÃOS DADAS)
- ALBERTINA Eu tenho pena dele, mas foi bom que isto tivesse acontecido, porque esse rapaz não serve para nossa filha. Costa de ostentação, de labor e para manter um padrão de vida elevado não sei ao que será capaz de chegar.
- EMANUEL Eu sei. Já posso facilmente calcular, depois do que Rose contou. Era capaz até de valca-se da mulher para subir. Um homem sem escrúpulos é o que ele se revelou. (COÇA O TELEFONE OUTRA VEZ. ELES SE ENTREOLHAM. EMANUEL VAI ATRÁS)
- EMANUEL Pronto. (PAUSA) Sim, é o pai da Rose outra vez. O que é que o senhor quer?
- ALBERTINA (MEIO TOM) Diga que ela já está dormindo.
- EMANUEL Não senhor. Não vou chamá-la porque ela não vai falar com o senhor. Já não basta o que fez? (PAUSA) Não sabe? Deixe passar a sua bobadeira e depois procure lembrar-se. E tem mais, é inútil voltar a procurá-la porque ela já nos declarou que não quer mais nada com o senhor. Estamos entendidos? (PAUSA) Não, com ela o senhor não tem mais assunto. É comigo. Se quiser ir amanhã ao meu consultório apanhar a sua aliança, pode ir. Tem o endereço no guia telefônico, Doutor Emanuel Borges. Boa noite. (DESLIGA O TELEFONE COM EMBURRADA. HÁ UM PAUSA. ELE VOLTAR AO LUGAR ONDE ESTAVA SENTADO)
- ALBERTINA Ele é capaz de incomodá-la e dificultar o rompimento.
- EMANUEL Não se preocupe. Deixe que eu me encarregarei de resolver este assunto. O que precisamos é fazer com que ela se mantenha nessa idéia de terminar tudo.
- ALBERTINA Que bom ter alguém que nos ajude a carregar um fardo pesado como este! Se agora eu ainda estivesse sôzinha estaria desesperada. E sabe que não estou? Sei que você defenderá nossa filha e isso me tranquiliza. (ENTRA ROSE. DE AVENTAL BRANCO BONITO)
- ROSE O creme está uma delícia, nãozinha! Onde posso servi-lo?
- ALBERTINA Ponha nas taças de conhaque. Fica mais elegante. Hoje é uma grande noite para nós. (CANPAINHA DA PORTA DA RUA. AS DOIS SE DIRIGEM PARA A PORTA. ALBERTINA ABRE. RU DY E LAURITA APARECEM. RISONHOS) (EMANUEL FICA PARA TRAZ)
- ALBERTINA Ué, que aconteceu?
- LAURITA Seu filho estava tão preocupado da senhora estar sôzinha em casa, que acabou de assistindo da festa e vindo buscá-la para sair conosco num restaurante. Não sabia nos que Rose estava com a senhora.

- RUDY Podaremos ir todos. Quer Rose?
- ALBERTINA Não. Vamos estar todos aqui. Eu tenho uma boa coisa e também uma grande surpresa para você, meu filho. (APOIATA COM A MÃO O PAI QUE ESTÁ PARADO, OLHANDO PARA RUDY, SORRINDO. RUDY ABRE MUITO OS OLHOS. FICA EM DEBILITADO PARADO, COM EXPRESSÃO DE AGRAVÁVEL SURPRESA E DEPOIS JURETE DE BRACOS ABERTOS, ABRACANDO-O COM GRANDE TERNURA)
- RUDY ~~EMPERDIGNADO~~ Papai... Que bom, papai!... Que felicidade!... O senhor nem imagina como senti-me na sua falta!...
- EMANUEL (EMOCIONADO) Eu também, meu filho!... Eu também!...  
DEPOIS DE UM MOMENTO ABRACADOS, EM SILÊNCIO, DESPRENDIDA-SE E RUDY FAZ UM SINAL A LAURITA PARA QUE SE APROXIME. ELA VAI, SORRIDENTE.
- RUDY Esta é Laurita, minha noiva. Espero que o senhor goste dela.
- EMANUEL Porque não há de gostar? Vê-se logo que é uma moça encantadora.
- LAURITA Obrigada. Permite que o beije?
- EMANUEL Faço questão disso. (LAURITA O BEIJA E ELE A ABRACA FORTISSIMAMENTE) Rudy foi sempre um rapaz de gosto.
- LAURITA O senhor é muito amável, já estou vendo.
- ROSE Como é? Vocês sabem conosco? Ia servir, agora mesmo, o creme de aspargos.
- LAURITA Creme de aspargos? Ih, é uma delícia. Adoro creme de aspargos.
- ROSE Só que vocês vão ter que esperar um pouco porque a esta altura já deve ter esfriado e eu vou aquecer de novo. (SAI LIGERINHA) Não demoro muito.
- ALBERTINA Vamos montar, enquanto esperamos. (SENTAM-SE TODOS. ALBERTINA COM O FILHO E ELA RUDY, COM LAURITA)
- RUDY Ismael não veio buscar Rose? Que aconteceu?
- ALBERTINA (LEVANTANDO-SE) Seu pai lhe conta, enquanto eu vou botar mais dois lugares na mesa. (SAI, DEPOIS DE PEGAR A BANDEJA DO RECALTO DA SALA DE JANTAR)
- RUDY Que houve, papai?
- EMANUEL Sua irmã foi a uma festa com o noivo, o rapaz tomou de mais e não soube respeitá-la. Ela se aborreceu, largou-o na festa e veio embora para casa.
- RUDY Canibal! E Rose vai continuar noiva desse sujeito?
- EMANUEL Já desmanchou. Ele há pouco telefonou à procura dela e eu já lhe disse que pode ir no meu consultório, depois de amanhã, buscar a aliança que ela não quer mais nada com ele.
- LAURITA Coitadinha da Rose, ela deve estar triste.
- EMANUEL Acho que mais decepcionada com ele do que propriamente triste pelo desmancho do noivado.
- RUDY Claro. Um homem que não respeita sua noiva não merece o amor dela.
- LAURITA Ele ainda é capaz de convencê-la a fazerem as pazes.
- EMANUEL Não vai conseguir nada, porque eu e sua mãe faremos tudo em contrário.
- RUDY É, papai, parece que o senhor chegou mesmo na hora em que mais era necessária a sua presença. Ismael não respeitava muito a mãe.
- EMANUEL Pois é, mas comigo, agora, vai ser diferente.
- RUDY Não sei porque, mas eu não ia com a cara daquele sujeito. Eu disse isso várias vezes a você, não foi, Laurita?
- LAURITA Disse sim. Você falou, inclusive, que ele não dava a menor tola às coisas que

- RUDY           Então. Uma vez, até, quase me meti, mas depois achei melhor deixar a coisa como estava para não criar caso com Rose. Ela ia achar ruim, ia brigar comigo e eu não queria.
- ENTRA ALMERINDA COM A BANDEJA E OS PERTENCENTES PARA DOIS LUGARES. VAI À MESA E COLOCA-OS. DEPOIS VEM PARA O GRUPO TOMAR PARTE NO ASSUNTO.
- LAURITA       Uma vez, até, dona Almerinda se queixou para você que ele foi grosseiro com ela, logo briga-se?
- RUDY           Pura vida! Nessa ocasião eu fiquei doidinho para ir tomar-lhe uma satisfação e chegar-lhe a cara.
- EMANUEL       É porque não foi? Devia ter ido.
- RUDY           Não fui porque não só faltou se ajoelhar aos meus pés e me pedir que deixasse tudo como estava. (A LAURITA) E você também, me podia por tudo que eu não fôsse.
- LAURITA       Decerto, pois eu sabia que dona Almerinda não queria...
- ALMERINDA    (VINDO PARA O GRUPO) Ia, fatalmente, dar uma briga em família e eu quis evitar. XXX Além, foi o meu empenho maior, em todos estes anos, manter os meus filhos todos unidos. Laurita sabe o esforço que tenho despendido neste sentido.
- LAURITA       Si sei. Desde três anos, que convivo na família, não tenho visto outra coisa. Meu pai sempre diz que a senhora é uma mulher admirável.
- ALMERINDA    Bondade de seu pai. Sou apenas não. Não igual a todas as outras.
- RUDY           (ABRACANDO-A E REAJUSTANDO-LHE OS CABELOS) Não, senhora. Não admirável e como poucos existem.
- EMANUEL       Para compensar o pai insensato e descuidado que tiveram.
- ALMERINDA    Por favor, Emanuel, não vamos falar do que passou. Você esteve doente. Agora ficou bom, felizmente.
- ENTRA ROSE, DE AVENAL, PARA BUSCAR A BANDEJA. PROCURA-A E NÃO ENCONTRA
- ALMERINDA    Que é, minha filha?
- ROSE           Estou procurando a bandeja para trazer o creme de aspargos que já está servido.
- ALMERINDA    Está ali, naquele canto. Deixei ali, um momento, pensando levá-la de volta em seguida, mas comeci a conversar e me esqueci.
- EMANUEL       Veja se traz logo esse ~~tão~~ decente creme de aspargos, que fome aqui é nato.
- ROSE           Vou trazer já. É que ele já foi aguçado, depois chegou mais gente, começamos a conversar, esfriou, teve que se aquecer de novo. Por isso demorou mais. (VAI SAIR. BATEM A CALPAÇA DA PORTA DA RUA. RUDY VAI APOIAR E ROSE NÃO CHEGA A PEGAR. FICA ESPERANDO PARA VER QUEM É. TODOS PENSAM NELA NA ESPERATIVA.)
- RUDY           Ué, rapas, que aconteceu? Que cara é essa?
- RONY           (ESPERANDO) Não aborreça. É a minha cara de sempre, que é que há?
- RUDY           Ele não costuma ser tão feio.
- (ENTRA RONY DE CASACO NA MÃO, MARGAS ARREGACADAS, CABELO TODO DESPENTADO E HISTÓRIA DE FUGIDA CONTRARIADA. ALMERINDA VAI, SOLÍCITA, AO SEU ENCONTRO. ENLAÇANDO O CARINHOSAMENTE)
- ALMERINDA    Que foi meu filho? Aconteceu alguma coisa com você?
- RONY           Um idiota dum guarda de trânsito prendeu o carro da Marlone. Disse que estávamos correndo demais e sem carteira de habilitação.
- ALMERINDA    Meu filho, eu não gostaria de ver você assim tão contrariado, mas com você em casa estou muito mais tranqüila do que as disparadas por aí.
- ROSE           Mas a Marlone não tinha carteira de habilitação para dirigir?

- RONY Mas, mas não levava com ela.
- LAURITA É por que não foi em casa buscar? Com uma amiga minha aconteceu a mesma coisa, ela deixou o carro ali, apenhou um taxi e foi em casa. Voltou e o guarda liberou o carro.
- RONY Mas quem estava na direção era eu e eu não tenho carteira.
- DESTA AQUI, O PAI QUE FICOU RESTRADO, ISSÁ FAZENDO SINAIS PARA A MÃE QUE FICOU DEBILITADA, ACEIANDO-LHE AFIRMATIVAMENTE COM A CABEÇA.
- ALBERCINDA Meu filho, eu repito a você que foi Deus que o trouxe de volta a esta casa para participar, conosco, da grande alegria desta noite. Veja quem voltou.
- RONY DÁ UM PASSO PARA A FRENTE E PARA O PAI ABRE-LHE OS DOIS BRACOS E SORRI PARA ELE, CARINHOSAMENTE. ELE REVESTE NOVAMENTE E ABRACA-SE COM PROFIUNDA EMOCÃO. TODOS ESTÃO CALADOS E COROVIDOS. RUDY ENLUGA A MÃE.
- EMANUEL Que bom ~~mas~~ que você também veio, meu filho! Que bom! Assim estaremos todos reunidos neste Natal de tão funda significação para todos nós.
- RONY É. Eu agora já estou convencido de que foi bom, velho.
- RUDY Velho? Mas então isso é maneira de se referir ao seu pai, fedelho?
- RONY Eu chamo a mãe de velha, porque não vou chamar o pai também?
- RUDY Em primeiro lugar porque ele não é velho e segundo porque é uma falta de respeito.
- EMANUEL Não, não é. Pelo contrário, Rudy. É uma forma carinhosa de tratar.
- RONY (FAZENDO GESTO DE FUSCA COM A MÃO) Está aí, viu? Bem feito p'ra sua cara.
- ALBERCINDA Você deixou a Marlone em casa, meu filho?
- RONY Claro. Ia deixar a garota sozinho na rua a uma hora destas?
- ALBERCINDA Não, mas ela podia ter ficado em casa de algum parente onde estivessem comemorando o Natal. Foi pena que você não se lembrou de trazê-la para cear conosco.
- RONY Ela não ia querer. Ficou muito chateada. Inda mais que o pai vai ficar sengado com ela e ela está sabendo.
- EMANUEL Amanhã de manhã eu prometo ir com você no trânsito, meu filho, e falar com o diretor. Eu me dou muito bem com ele, responsabilizo-me pelo fato e você vai entregá-lo o carro talvez antes do meio dia, até.
- RONY Legal, velho! Eu gosto ~~de gente assim~~, positiva. Mas como é? Ainda tem alguma coisa para se comer? Eu estou morrendo de fome.
- EMANUEL Tem muita coisa. Ia cozer justamente quando você entrou. Como é Rose? É o orgão de espargos.
- ROSE A esta altura dos acontecimentos já deve estar frio outra vez. Vou aquecê-lo pela torcedira vos. (SAI) E tomara que não obegue mais ninguém para se poder tomá-lo. (SAI COM A BALDEJA)
- LAURITA (SUSPIRANDO-SE COM RUDY) Devo ser uma bolesa o carro da Marlone, não?
- RONY Um estouro! Fica todo o mundo de queixo caído, quando a gente passa.
- ALBERCINDA Eu pedi a ela que não entregasse a direção a você e ela me prometeu.
- RONY E não queria entregar, mesmo. Foi uma luta. Ela só dizia "eu prometi a sua mãe, eu prometi a sua mãe". Aí eu apalci para a ignorância.
- LAURITA O que foi que você fez?
- RONY Então no deixa em casa que eu não quero mais passar. Aí ela achou melhor esquecer as recomendações da mãe.

- LAURITA A senhora viu como é que eles fazem, quando guardam as coisas?
- ALMERINDA Pois é, mas se ela tivesse resistido ele não vinha para casa, não. Tinha continuado do mesmo jeito.
- RONY Lógico. Ia dar o golpe para ver se pagava.
- ALMERINDA LEVANTA, VAI LÁ DEBEMTO E VOLTA COM OS PERTENCES DE UMIS UM LUGAR QUE ACOMO DA NA OUTRA CADECKIRA. FEITO ISTO VOLTA PARA A RODA.
- LAURITA E pagou. Nós somos muito bobas, mesmo. Acreditamos ~~mesmo~~ logo nas aneegas que vocês nos fazem. (OLHA PARA RUDY QUE LHE FAZ UMA CARETA GARGHOSA E UM AFAÇO NO ROSTO)
- RONY Mas afinal, velho, que milagre foi esse?
- EMANUEL Foi o modo da solidão, meu filho. Ele que me fez compreender o valor da união da família. Só depois que a gente se ausenta é que compreende como isto é bom.
- RONY Olha, velho, você quer que eu lhe diga uma coisa? Eu acho que foram as rezas da velha. Ela resolve tudo naquela corrente com bolinhas. Não sei o que é, mas ela pede e pinda.
- LAURITA É a força da fé que ela tem. Nunca vi uma pessoa de fé tão firme e inabalável como dona Almerinda.
- ALMERINDA (VINDO) Que é que tenho eu, Laurita?
- LAURITA Uma fé como nunca eu vi igual.
- ALMERINDA Gregas a Deus. Não deixei que ela se abandonasse nunca. Nem nos piores momentos da minha vida. E o resultado aqui está. A coia que eu tinha preparado para o Natal do Ano da Fé vai ser tal como eu havia imaginado.
- (ENTRA ROSE COM A BANDAIA COM SEIS TACAS FUMEGANTES. COMEÇA A COLOCÁ-LAS PELO FREMEIRO LUGAR DA ESQUERDA E FAZ A VOLTA TÔDA. ATÉ TERMINAR NA GABECKIRA CUJO OCUPANTE FIGARÁ DE COSTAS PARA A PLATÉIA)
- EMANUEL (LEVANTANDO-SE) Ora, até que enfim a decantada coia vai começar.
- RUDY (LEVANTANDO-SE COM LAURITA VAI A UMA ELETROLA PRÓXIMA) Vão me dar licença, mas eu não concibo jantar festivo sem música. Escolha aí qualquer coisa, Laurita. (LAURITA VAI FAZER MAS PÁRA PELO QUE OUIVE)
- ALMERINDA Já está o disco na eletrola. É só ligá-lo.
- ROSE (DO LUGAR ONDE ESTIVER) Tentem de sentar-se de uma vez porque eu não desejo ter que esquecer mais uma vez o bandido crente de asparagos!
- EMANUEL Onde é que eu me sento?
- ALMERINDA (TUDO PARA TRAZ DA GADCKIRA DA GABECKIRA) O seu lugar só poderia ser esse, meu bem. (ELE DÁ UM BELJO NA FACE DELA E SENTA-SE. PERGUNTO O GUARDANAPO. RUDY E LAURITA JÁ LI GARAM A "DOITE FELIZ" NA ELETROLA E ESTÃO DE PÉ PIZTO DA MESA. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~)
- ALMERINDA Rudy e Laurita sentam-se ali. (TOMCA QUALQUER UM DOS LADOS. O RAPAZ SENTRA A CADEIRA PARA A MÔCA SENTAR E DEPOIS SENTA-SE TAMBÉM. EXCLUINDO ABREI OS GUARDANAPOS. ROSE ESTÁ TIRANDO O AVISALZINHO)
- ROSE E eu, não? Onde é que fico?
- ALMERINDA Deste lado, comigo. O Rony ali na outra cabocira. Pode sentar-se, meu filho.
- RONY Não senhora. Pago questão de ser o último.
- (RONY VAI PEGAR A CADEIRA DA LÊTE PARA ELA SENTAR-SE. ELA AGRADECE COM UM BELJO E SENTA. RONY VAI LOGO SENTAR-SE E PEGA A COLHER. TODOS FAZEM O MESMO. QUANDO JÁ PENSAM QUE VÃO TOMAR A PRIMEIRA COMEDADA...)

ALBERTINA Um momento. Ainda não.

(TODOS PARAM E OLHAM PARA ALBERTINA, SURPREENDIDOS)

ROSE Mãe, pelo amor de Deus!... Eu não quero ter que esquecer mais uma vez este prato de aspargos.

ALBERTINA Mas não podemos começar a nossa ceia, sem antes termos agradecido a Deus por nos ter reunido, a todos nesta Noite Santa!

(ALBERTINA BOTA A CARRAÇA ENTRE AS MÃOS EM POSIÇÃO DE CRUCE. TODOS OLHAM PARA ELA E SOLTAM AS COLHERES, ILLICANDO-A. QUANDO TODOS COMEÇAM A REZAR, SOBRE A MÚSICA DA NOI TE FELIZ E A CENA VAI ESCURTECENDO. FICANDO APENAS O GRUCIPEXO NA PARADE ILUMINADO - POR UM RAIO DE LUZ) (CORRE O PAPO PARA O FINAL DO SEQUÊNCIA E ÚLTIMO ATO)